

Forma e experiência: a visão ambivalente de Simmel

Rousiley C. M. Maia*

RESUMO

O objetivo central deste artigo é desenvolver uma reflexão acerca da noção de “forma” na obra de Simmel, enquanto estrutura que sustenta as relações sociais. Argumenta-se que o sentido dual de “forma” e a controversa distinção entre forma e conteúdo evidenciam, no programa analítico simmeliano, a natureza problemática da dinâmica da experiência vivida e os modos sociais de organização.

Palavras-chave: forma; experiência; sociabilidade.

SUMMARY

The main purpose of this article is to develop a reflection on the concept of form in the work of Simmel, as structures which support the social relations. It is argued that the dual meaning of form and the controversial distinction between form and content demonstrate, in the analytical Simmelian model, the problematic nature of the dynamics of the living experience, and the ways of social organization.

Keywords: form; experience; sociability.

RESUMEN

El objetivo central de este artículo es desarrollar una reflexión acerca de la noción de “forma” en la obra de Simmel, como estructura que sustenta las relaciones sociales. Se argumenta que el sentido dual de “forma” y la polémica distinción entre forma y contenido evidencian, en el programa analítico simmeliano, la naturaleza problemática de la dinámica de la experiencia vivida y los modos sociales de organización.

Palabras-clave: forma; experiencia; sociabilidad.

Simmel, ao focar sua atenção nos “detalhes”, nas “falas descompromissadas”, “nas banalidades” da vida social, faz divergir nossa reflexão do “centro” institucional da sociedade e convoca-nos a apreender a riqueza da experiência do cotidiano e as múltiplas relações interativas que escapam do controle administrativo, da regulamentação legal ou do alcance político. Este autor recusa-se a encetar os estudos e análises da sociedade apenas sob um ponto de vista holístico e propõe a compreensão da experiência da vida de modo não totalizado, salientando as fragmentações, as dispersões e as migrações que ocorrem nos âmbitos microcósmicos da vida social e nas diversas formas de “sociação”. Convida-nos a conceder atenção especial ao que, em termos contemporâneos, poderíamos chamar de “processos comunicativos” que se estabelecem e se desenvolvem entre grupos e comunidades particulares, segundo suas próprias premissas, recursos, interesses e jogos de linguagem.

Simmel e a rebelião da vida

Ao analisar a cultura como um conjunto de formas significativas, Simmel busca laboriosamente as múltiplas formas que resultam da aproximação sempre parcial da totalidade, seja no âmbito do conjunto social, seja no de seus componentes específicos. E propõe uma infinidade de modelos parciais, mostrando, assim, um número considerável de conseqüências ou de efeitos que qualquer interação diária entre os indivíduos pode ter na ordem social ou no universo cultural. Mas seu objetivo não é propriamente apreender possíveis “leis empíricas” ou “leis universais”. Ao invés disso, Simmel persegue a

“correlação entre formas” e busca localizar “congruências sistemáticas” entre elas. Diz Gabriel Cohn, do esquema analítico de Simmel: “A idéia básica é a de que determinados padrões de interação destacam-se dos conteúdos (sentimentos, impulsos) que de certo modo lhes davam vida e passam a operar por sua própria conta, como receptáculos para relações que se ajustem a eles. Isso permite pensar a sociedade não diretamente como um conjunto de interações em fluxo, mas como um conjunto de formas padronizadas. Isso posto, as questões passam a incidir sobre a relação das próprias formas entre si (como se relaciona a divisão de trabalho com a competição? e esta com o conflito, e assim por diante) e também sobre a relação entre formas e os conteúdos que as preenchem no desenrolar da vida social. (Cohn, 1998, p.57)

Assim sendo, Simmel busca captar a maneira pela qual as experiências se exprimem nas formas sociais que as condicionam, quanto ao modo pelo qual as formas sociais e culturais assimilam a diversidade das experiências que encampam.

Como se sabe, o método/estilo de Simmel provocou profundas polêmicas entre seus contemporâneos, não só por parecer pouco sistemático, subjetivo e abstrato, mas, também, por construir de maneira analógica as inúmeras formas que emergem como categorias organizadoras da vida social. Durkheim protestou contra o aspecto híbrido, pouco sistemático e não científico da obra, na medida em que Simmel não se preocupava com demonstrações rigorosas. “Para justificar o método desenvolvido por Simmel, é preciso mais que a referência às ciências que operam por abstração (...). Por qual razão o recipiente (forma) e o conteúdo da sociedade devem ser separados tão

radicalmente? Apenas a forma é proclamada como sendo de natureza social, enquanto o conteúdo não é, ou o é apenas indiretamente. E mais, não há uma única prova para confirmar tal afirmação, que, longe de ser aceita como um axioma auto-evidente, pode transtornar o estudante". (Durkheim, 1965, p.46)

Weber, apesar de se dizer impressionado com o brilhantismo, a perspicácia e a força imaginativa dos insights de Simmel, decepciona-se por ele não se mostrar logicamente sistemático nem rigorosamente empírico. Enquanto Weber busca distinguir entre "sentido" subjetivamente visado e "sentido" objetivamente válido, e procura de tal modo estabelecer conexões significativas individuais entre "tipos" de ação social definidos pelo seu "sentido", Simmel propunha "a possibilidade de encontrar em cada detalhe da vida a totalidade de seu sentido" (Cohn, 1979; Levine, 1965). Preocupado em estabelecer causalidades históricas e sociológicas, Weber põe em questão o estilo/método de Simmel de construir de maneira analógica as formas de associação. E indaga como os especialistas que se encontram preocupados sobretudo com a natureza intrínseca ou com o "contexto específico" de algum fenômeno irão julgar o aspecto análogo daquele fenômeno como sendo algo "externo". Para Weber, os especialistas, ao tomarem o fenômeno através de analogias, irão concebê-lo de modo inteiramente "oblíquo" em sua essência, e não o compreenderão no que diz respeito aos seus componentes causais.

O conceito de "forma" em Simmel possui dois sentidos que são utilizados pelo próprio autor indistintamente. "Forma" refere-se às construções mentais enquanto "modelos" que permitem ao cientista social categorizar, organizar e analisar a realidade social. "Forma" também designa as construções que são produtos da interação social, sendo, neste caso, as estruturas recorrentes que sublinham os conteúdos sempre mutantes das interações sociais. Esse duplo sentido de forma é foco constante de controvérsias a respeito da natureza da sociologia formal e tem recebido renovadas leituras em diversos ramos das ciências sociais. Em revisitar o quadro analítico de Simmel, traçando as linhas gerais da polêmica em torno da distinção forma/contéudo, parece-me particularmente elucidativo buscar entender o modo pelo qual tal controversa distinção evidencia a tendência sempre

problemática da integração normativa, primeiramente, do indivíduo no conjunto social e, também, da dinâmica das interações simples com as ordens normativas e políticas mais amplas.

Forma e modelos heurísticos

Tenbruck propõe que o conceito de forma em Simmel não se refere a uma generalidade abstrata. O programa de

Weber, apesar de se dizer impressionado com o brilhantismo, a perspicácia e a força imaginativa dos insights de Simmel, decepciona-se por ele não se mostrar logicamente sistemático nem rigorosamente empírico.

Simmel não implica que os conteúdos devam ser vistos como irrelevantes para a análise social. Em vez disso, Tenbruck acredita que tal programa problematiza a própria atividade de "modelização" da realidade. Se as formas são inerentes à totalidade da realidade, no sentido de que não possuem uma existência separada, como, então, podem ser estudadas? Segundo Tenbruck, "formas", no esquema analítico de Simmel, não são aspectos genéricos da realidade "observada", e não devem ser confundidas com conceitos gerais, que derivam de uma lógica empírico-indutiva. Longe de meramente refletir a realidade, os modelos também tornam a realidade inteligível para nós.

As formas encontradas na realidade empírica não aparecem "puras". Uma multiplicidade delas está presente em cada situação social (enquanto um fenômeno histórico), e cada forma limita a existência das outras. Conseqüentemente, apenas formas "distorcidas", parciais, podem ser "extraídas" da realidade. Simmel se mostra ciente de que nenhuma sociologia, com as relações típicas que descreve, pode exaurir a complexidade da realidade histórica. Mas insiste em que as formas de "sociação" devem ser consideradas em sua realização concreta, e não em generalidades através das quais os conteúdos se manifestam.

Na visão de Tenbruck, a proposta de Simmel de abstrair "formas" da realidade funda-se nesta tensão. A abstração simmeliana, para Tenbruck, "não é – e não pode ser – uma abstração do fenômeno-contéudo, no qual as formas se acham inerentes e que podem somente ser estabelecidas, mas, sim, abstração de uma perspectiva-contéudo". Esse autor explica: "as formas não são de modo algum generalizações que retêm apenas as características mais comuns de todos os conteúdos (...) Ao invés disso, 'abstrair' deve ser compreendido no sentido radical de se extrair da realidade algo que não é diretamente observável". (Tenbruck, 1965, p.78-79) Assim, cada padrão (independentemente do objeto a que se refere) é sempre um aspecto que demanda uma complementação por outros aspectos. E a forma só se torna aparente quando é exemplificada por outras. A tentativa de apreensão da sociedade, uma tarefa na verdade impossível de ser atingida, poderia apenas proceder desse modo indireto.

Deena Weinstein e Michael Weinstein propuseram recentemente que o formalismo de Simmel pode ser entendido como um esforço "estético-expressivo" de apreensão "pluralista não sistemática" da realidade. Partindo da crença de Simmel de que não é possível apreender o todo ou a totalidade nela mesma, mas que qualquer fragmento de estudo pode levar a vislumbrar o todo, os autores argumentam que o método simmeliano conduziria a um tipo de compreensão estética da realidade. Isto é, o leitor seria levado a elucidar as formas sociais através de ilustrações de elementos, eventos ou casos que pode observar freqüentemente em sua realidade cotidiana. Seria conseqüentemente convocado a conectar os elementos pela imaginação, pela memória, ou pela observação de novos exemplos. (Weinstein, 1993, p.12) Estes autores discutem que o método/estilo de Simmel operaria como um mecanismo de elucidação de formas de-totalizadas, no sentido de que: (a) nenhuma forma é uma forma "mestra" das demais; (b) elas não podem ser organizadas coerentemente em um sistema lógico de formas; e (c) a própria forma freqüentemente contém uma oposição interna em sua própria descrição. Por exemplo, uma forma tal como "dominação" é um aspecto da vida social que pode ser disposto analo-

gicamente em um campo contendo instituições específicas (guerra, família, educação, política) e um complexo de motivações. No entanto, “dominação”, apesar de sua ampla abrangência, não é uma forma dominante, mas suplementada, por exemplo, por “sociabilidade”. (Weinstein, 1993, p.13) A elucidação analógica e a apreciação de formas de uma ordem não totalizada são entendidas, nesta perspectiva, como os elementos básicos do método/estilo de Simmel.

Forma e modelização das interações sociais

Com relação à segunda noção de “forma” na obra de Simmel – padrões de interação que sublinham os conteúdos sempre mutantes das interações sociais –, o relacionismo de Simmel evidencia que a vida social implica uma formalização da realidade social pelos próprios atores, já que a ação de modelização não está presente apenas do lado do observador exterior, mas, também, na do ator. Apesar de suas especificidades, Simmel, tal como Weber, parte sempre do princípio de que uma análise sociológica deve remontar às ações e reações dos indivíduos na situação em que se encontram. Os dados macroscópicos só são compreensíveis por meio de uma análise capaz de atingir o nível microscópico. Nessa perspectiva, o relacionismo de Simmel desempenhou um papel central no desenvolvimento do pensamento sociológico moderno, inspirando diferentes escolas americanas e européias da fenomenologia, do interacionismo simbólico, da Teoria Crítica e dos Estudos Culturais, de uma maneira muito mais sólida do que até então se havia acreditado.¹ Autores têm reconhecido Simmel tanto como “um dos grandes pioneiros da sociologia da ação” (Boudon e Bourricaud, 1993, p.503) quanto “um dos pioneiros” que “buscou analisar o espaço social como uma dimensão crucial da interação social e, também, das formações culturais”. (Frisby e Featherstone, 1997, p.11)

O ponto que nos interessa enfatizar é que Simmel, diferentemente da orientação sociológica dominante de sua época, não toma a sociedade como uma entidade unificada, formada por estruturas persistentes e centrada em macrossujeitos como o Estado ou o Mercado. Ainda, Simmel não concebe a sociedade em sentido absoluto de um sistema global de normas constitucionais que regulam

o poder e os interesses dos indivíduos de modo mais ou menos automático. Em vez disso, ele confere atenção especial às formas de “sociação” e aos processos interativos entre os indivíduos, nas múltiplas e infindáveis situações. Propõe que a sociedade é uma composição destas múltiplas formas de associação e que o objeto primeiro do cientista social deve ser a investigação das interações sociais.

O ponto que interessa enfatizar é que Simmel, diferentemente da orientação sociológica de sua época, não toma a sociedade como uma entidade unificada e centrada em macrossujeitos como o Estado ou o Mercado.

É característica marcante nos escritos de Simmel sobre a cultura o exame das formas culturais em sua emergência (em seu status nascendi, como ele mesmo afirma) nas interações diárias entre os indivíduos, independente de quão efêmeras essas possam ser. Simmel reconhece, é claro, que as constelações de indivíduos interagindo uns com os outros geram fenômenos supra-individuais que são condensados ou cristalizados em formas distintas. Nesse sentido, é bem conhecida a descrição de Simmel do modo pelo qual o fluxo das experiências humanas inelutavelmente se vê aprisionado em formas fixas, das quais o próprio indivíduo se distancia. (Cohn, 1988; Frisby e Featherstone, 1997)

Simmel reconhece, vale insistir, a persistência das formas no tempo e no espaço. Admite que a persistência das formas é superior à existência dos indivíduos, uma vez que os indivíduos têm uma existência limitada, eles vêm e vão, e as formas permanecem. Os fundamentos da “sociação” ou dos processos pelos quais nos tornamos membros da sociedade possuem uma localização espaço-temporal. No entanto, o autor recusa a explicar as interações apenas como derivações de um sistema funcional, através do qual os papéis, as regras e as normas sociais, adquiridos através do processo de socialização, passam a operar nos indivíduos, ou que tais interações sejam reforçadas através de recompensas e sanções sociais. Esta perspectiva explicaria apenas a reprodução da ordem, a perma-

nência das estruturas e manutenção dos grupos sociais.

Por outro lado, Simmel insiste em examinar o modo pelo qual as formas operam em situações concretas. Procura evidenciar – e este é o ponto crucial – que os papéis sociais, as posições e as normas, enquanto formas sociais, operam como “reciprocidades” nos complexos históricos. (Coser, 1965; Cohn, 1979) As formas não são generalizações abstratas, mas precisam ser especificadas em situações concretas e atualizadas pela ação dos indivíduos. Tal dinâmica possui um caráter dualístico. Não são apenas as formas que “condicionam” o comportamento dos indivíduos, no sentido de lhes conformar e estruturar o comportamento. Também os indivíduos, em suas práticas concretas em situações específicas, adicionam ou subtraem elementos que se acham contidos nas formas estabelecidas. “As formas agem nos atores e os atores agem sobre elas.” Tenbruck defende a proposta de Simmel: “Só é possível que as formas operem para os atores individuais porque os atores ‘entendem’ a situação. As formas são as reciprocidades latentes de situações típicas. E o ‘entendimento’ de uma situação – isto é, a apreensão de suas características típicas e essenciais –, não é, para Simmel, restrito àquelas situações em que a cultura revela para os atores como típicas. A sociologia formal se baseia na suposição de que a ação com sentido pode ser originar nos indivíduos. E é essa suposição que permite um entendimento peculiar da sociedade, na qual o homem é simultaneamente objeto e sujeito, um entendimento que apreende a sociedade ao mesmo tempo em seus aspectos estáticos e dinâmicos”. (Tenbruck, 1965, p.95)

Seguindo esta abordagem, é possível elucidar a importância que Simmel confere à espontaneidade das interações individuais, no sentido de que nenhuma regulamentação normativa, institucional, organizada, pode substituir inteiramente os sentimentos que nascem livremente nos homens em suas aproximações e afastamentos recíprocos. A proposição simmeliana de que as formas representam a sociedade em seu status nascendi pode revelar mais do que aparenta à primeira vista. Neste contexto, a afirmação de que as formas sociais representam a sociedade diz respeito, não ao surgimento delas

no início do tempo sócio-histórico, mas à sua contínua emergência espontânea nas interações interpessoais, através das quais se sustentam. Ao mesmo tempo que as relações cotidianas são rotinizadas, elas são também marcadas pela pluralidade e diversidade, podendo sempre ser vivificadas pela criatividade do novo. E isso porque a dinâmica mesmo de tais interações, na rede simbólica dentro da qual os indivíduos interagem, sempre produz novos sentidos, que escapam ao controle administrativo do Estado, da regulamentação normativa ou da tutela de subsistemas funcionais.

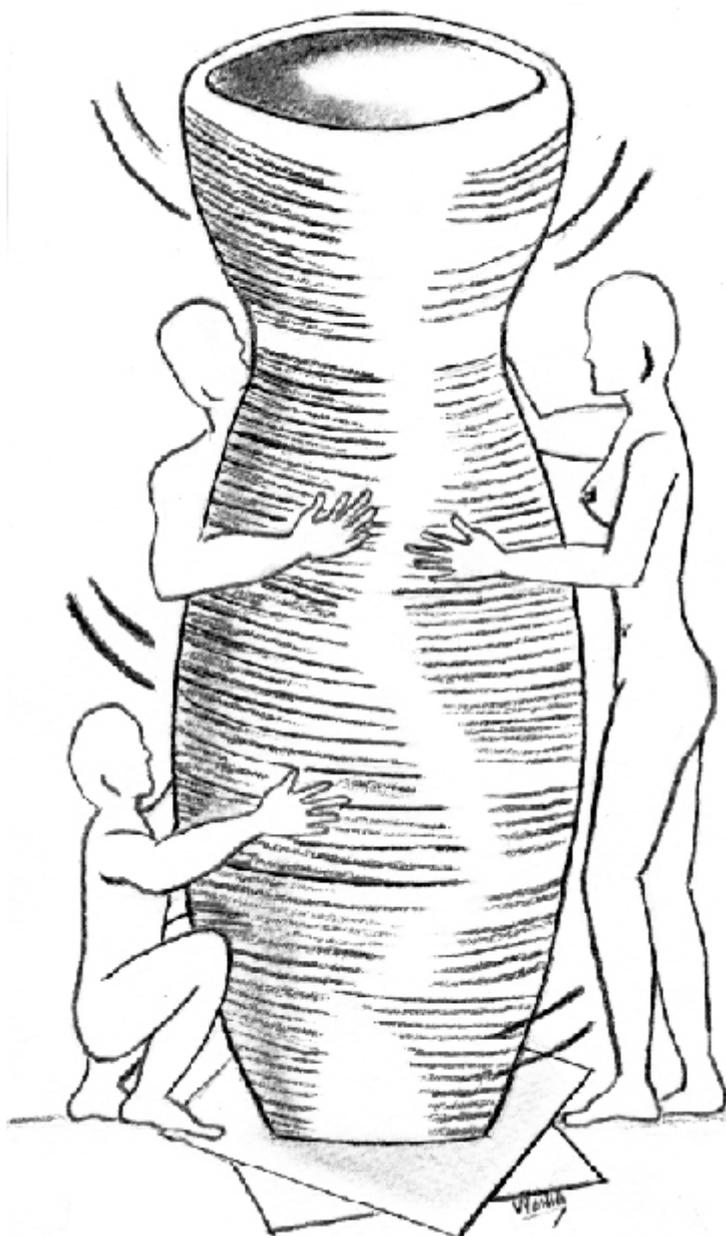
Em outras palavras, a cristalização das formas objetivas que confrontam os indivíduos como entidades estranhas pode levar ao esgotamento dessas no momento em que os indivíduos, por sua vez, não se reconheçam mais nelas. Com efeito, Simmel indica a possibilidade de um conjunto sempre renovado de formas de "sociação". Apesar das limitações da terminologia e do aparato conceitual próprios do contexto dentro do qual estava operando, Simmel faz notar que as interações simples e informais do mundo cotidiano, apesar de ingênuas, efêmeras e "muitas vezes negligenciadas", podem ser vistas como uma fonte espontânea de regeneração e reformulação dos sentidos socialmente estabelecidos e dos padrões culturais de pensamento. Em termos contemporâneos, poderíamos dizer que o quadro analítico de Simmel faz ver que todo processo de integração social é simultaneamente um processo de socialização para os sujeitos que são formados nesse processo e que, por sua vez, renovam e estabilizam as dimensões da vida social como constelações ordenadas de relações interpessoais. O conteúdo das tradições ou o estoque cultural de sentidos é sempre um conhecimento adquirido pelas pessoas e delas dependente. As ordens normativas, independentemente de se solidificarem em instituições ou permanecerem fluando em contextos fluidos, são sempre ordens de relações interpessoais. (Habermas, 1998a)

No entanto, a dimensão trágica do pensamento de Simmel não nos permite tomar tal teorização como a apologia do indivíduo lúdico, livre e criativo, com infinitas possibilidades de significações, supondo que os encontros dialógicos do mundo cotidiano gerem "uma pura pluralidade de sentidos". E isso porque

o conjunto de formas sociais - por essas serem operativas para uma série de indivíduos - não pode ser modificado ao bel-prazer, pela vontade de um indivíduo singular. Os novos sentidos, frutos da interpretação e da criatividade individual, só podem ter efeitos supra-individuais na ordem social ou na cultura através de novas relações interpessoais. Assim sendo, uma nova dimensão interativa, própria do reino social, faz-se necessária. Como Simmel reiteradamente nos lembra, "as formas se desenvolvem na interação". A esfera

social é o domínio no qual as tradições são desafiadas, as redes de comunicação estabelecidas e novos limites são impostos para a reprodução dos estoques culturais de conhecimento e rotinas de ação. Em outras palavras, uma rede de relações ativas precisa ser construída, a fim de tornar efetivas, na ordem social ou nos padrões culturais, novos modos de ver e de interpretar.

A tensão entre o mundo das interações diárias simples e suas manifestações na ordem social e na cultura parece fatal. A coordenação ou interação



recíproca entre vida e forma, e entre cultura subjetiva e objetiva, é raramente tornada perfeita. A fácil resolução do conflito, seja no nível de uma teorização seja na suposta estabilização na vida social, tende a subestimar a sempre presente tensão entre o indivíduo socializado e seu ambiente.

Nota

¹ Estudiosos de Simmel apontam que seu relacionismo, difundido nos Estados Unidos por Park e Burgess, continuou inspirando boa parte de sua segunda geração da Escola de Chicago, particularmente Ross, Merton, Warner, Homans, Moreno, Riesman, Caplow. E afirmam que uma nova geração de intelectuais, tais como Coser, Levine, Hughes, Tenbruck, tem-se incumbido de reatualizar a sua obra nos mais diversos aspectos. Na Europa, o formalismo simmeliano foi principalmente desenvolvido por seguidores como Lukács, Bloch e Kracauer. Trabalhos recentes têm buscado analisar o modo pelo qual a obra do autor desempenha um papel constitutivo na sociologia da cultura, no expressionismo alemão, nos estudos culturais e em correntes do pós-modernismo. Para uma revisão da influência da obra de Simmel, ver: Filho, 1983; Frisby, 1990; Frisby e Featherstone, 1997; Weinstein e Weinstein, 1993; Coser, 1965 e Alexander, 1998.

Bibliografia

ALEXANDER, J. Formal Sociology is not multidimensional: breaking the 'code' in Parsons's fragment on Simmel. In: _____. Neofunctionalism and After. Massachusetts: Blackwell, 1998, p.104-117.

_____. Twenty Lectures – Sociological Theory since World War II. New York: Columbia University Press, 1987.

_____. From Reduction to Linkage: the Long View of the Micro-Macro Debate. In: _____. Action and its Environment – Toward a new synthesis. New York: Columbia University Press, 1987, p.257-298.

BOUDON, R. & BOURRICAUD, F. Dicionário crítico de Sociologia. São Paulo: Ática, 1993.

COHN, G. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann, RBS, vol. 13, nº 38, 1998, p.53-62.

_____. Simmel e a depuração das formas. In: _____. Crítica e Resignação – Fundamentos da Sociologia de Max Weber. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979, p.33-50.

COSER, L. (Ed.) Georg Simmel – Makers of Mo-

dern Social Science. New Jersey: Prentice-Hall, 1965.

DURKHEIM, E. Sociology and its Scientific Field. In: COSER, L. Op.cit. p.43-49.

FRISBY, D. Georg Simmel. México: Fondo de Cultura Económica, 1984.

FRISBY, D. & FEATHERSTONE, M. Simmel on Culture – Selected Writings. London: Sage Publications, 1997.

HABERMAS, J. Actions, Speech Acts, Linguistically mediated Interactions and the lifeworld. In: COOKE, M. On the Pragmatics of Communication. Cambridge: MIT Press, 1998 (a), p.215-256.

_____. Some Further Clarifications on the Concept of Communicative Rationality. In: COOKE, M. On the Pragmatics of Communication. Cambridge: MIT Press, 1998(b), p.307-342.

LEVINE, D. Some Key Problems in Simmel's Work. In: COSER, L. Op.cit., p.97-115.

MAFFESOLI, M. O Tempo das tribos - O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

_____. No fundo das aparências. Petrópolis: Vozes, 1996.

PLUMMER, K. Symbolic Interactionism in the Twentieth Century: the Rise of Empirical Social Theory. In: TURNER, B. (Ed.) The Blackwell Companion to Social Theory. Oxford: Blackwell, 1998, p.223-251.

TENBRUCK, F.H. Formal Sociology. In: COSER, L. Op.cit., p.77-96.

TOURRAINE, A. Crítica da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1994.

SIMMEL, G. In: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

_____. The Sociology of Sociability. In: FRISBY, D. e FEATHERSTONE, M. Simmel on Culture. London: Sage Publications, 1997, p.120-130.

WEINSTEIN, D. & WEINSTEIN, M. Postmodern(ized) Simmel. London: Routledge, 1993.

** Rousley C. M. Maia é Doutora em Ciência Política pela University of Nottingham e Professora do Departamento de Comunicação Social da UFMG. Este artigo reúne resultados parciais do projeto de pesquisa "Mídia e Reabilitação da Experiência: pressupostos e controvérsias teóricas", com apoio do CNPq.*